

**REVISITANDO O PASSADO – UMA PERSPECTIVA SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL
NAS CELEBRAÇÕES DAS INDEPENDÊNCIAS NA AMÉRICA HISPÂNICA
(2008-2010)**

Libertad Borges Bittencourt ¹

Resumo: A proposta deste artigo é uma reflexão sobre as comemorações do bicentenário das independências na América hispânica, que já tiveram início, particularmente no México, Venezuela, Peru e Colômbia, contemplando os marcos precursórios dos processos de libertação. A perspectiva é também refletir sobre algumas iniciativas comemorativas, visando compreender a recorrência de enfoques sobre as festas cívicas e em que medida novos significados foram incorporados.

Palavras chaves: independência, festas cívicas, comemoração

Abstract: This paper intends to offer a reflection on the commemorations of the bicentennial of the independences in Spanish America that began already, particularly in Mexico, Venezuela, Peru and Colombia, covering the precursory landmarks of the process for liberty. The perspective is also to think about some commemorative initiatives, aiming at understanding the retrace of views about civic parties and how new meanings have been incorporated to them.

Keywords: independence- civic parties - commemoration

A perspectiva metodológica da presente reflexão considera necessário retomar o diálogo entre a historiografia e os projetos de memória construídos nesses dois séculos, sobretudo numa referência à vinculação entre os processos de independência e a construção de heróis. A vinculação quase sempre foi levada a cabo pelos atores históricos que lutaram nas guerras e por aqueles que interpretaram esse período, considerando que, não raro, os atores da independência ocupavam, também, o cargo de intelectuais-intérpretes de seu tempo – e assim foram acolhidos pela historiografia. No entanto, a imagem que a América produziu de si ao longo desse percurso de dois séculos ultrapassa o âmbito da própria historiografia, tendo por suporte a cultura política do continente.

As versões históricas sobre as independências e sobre os homens que nela atuaram seguem arrolando figuras e fatos que foram alçados a patamares quase míticos na busca de construir uma identidade encompassadora para o continente fragmentado

¹ Professora da Faculdade de História da Universidade federal de Goiás – libertadborges@yahoo.com.br

pelas disputas por poder. A escrita histórica oitocentista tinha como um dos grandes objetivos, além de colaborar para consolidar os valores republicanos, exatamente alicerçar a identidade nacional, projetando esperança em um futuro cujo marco haveria de ser o progresso. Assim mesmo, o progresso passava longe da perspectiva das populações que pagavam alto preço pela separação e ficavam nostálgicas do período colonial, dados o depauperamento, a violência e as dificuldades enfrentadas pelos combalidos cofres públicos, obrigados a sustentar um prolongado período de guerra com as tropas realistas.

É importante refletir sobre as repercussões contemporâneas, ou ainda melhor, sobre as releituras, presentes e atuantes no calendário comemorativo, das tentativas de libertação da Venezuela por Miranda e das quatro tentativas feitas por Bolívar, antes de conseguir conquistar seu intento e colocar em andamento a “utopia” de seu projeto da Grã-Colômbia. Há que se ressaltar a independência mexicana, que tem início com Hidalgo e seu Grito de Dolores, passando por Morelos, até chegar a Iturbide, onze anos depois. O México é emblemático porque, quando Porfírio Díaz colocava em marcha seu projeto comemorativo do centenário da independência do país, estourou a Revolução mexicana de 1910, com profundos desdobramentos políticos e sociais.

A transformação do panorama global no início do século XIX deve ser refletida, pois ao debilitamento do Reino Unido, à independência dos Estados Unidos e ao enfraquecimento da corte espanhola ilustrada se acrescentou a Revolução Francesa, que teve desdobramentos contraditórios no interior da América hispânica. Perceber como essas questões foram incorporadas ao debate é importante para a superação de uma prolongada recorrência nos livros didáticos que refletem de forma superficial e mesmo equivocada a colonização e as independências.

Quando nos referimos às comemorações do bicentenário das independências nos reportamos à festa, ocasião por excelência para se destacar as representações do passado compartilhadas por determinados grupos, mas, sobretudo, para a construção de novas visões do passado. As comemorações cívicas são períodos pródigos para abordagens renovadas e direcionadas, pois manipulam a identidade nacional, quase sempre em perspectivas opostas.

No caso das independências, em geral são ressaltados os dissensos entre a América e a Espanha. Contudo, as conjunturas que levaram à ruptura, particularmente a partir da deposição de Fernando VII, sinalizam uma forte aproximação da América Hispânica com os acontecimentos da metrópole, a despeito das dificuldades de

comunicação, ocorrência comum em virtude da distância e das lutas no interior da própria Espanha contra o invasor francês.

Na América Espanhola, o debate sobre as comemorações em torno das lutas contra a ocupação da Espanha por Napoleão arregimenta posições muitas vezes paradoxais. É sintomático que a comemoração referende o que, às vésperas das tentativas iniciais de independência, era ponto importante para os atores históricos: a defesa de Fernando VII e a resistência ao invasor francês. Essas comemorações contribuem para reforçar temas e laços nacionais, particularmente em momentos de crise. Mesmo no referendo, novos sentidos podem ser encontrados para a escolha comemorativa. Passa a ser importante não só o que se referenda, mas a simbologia utilizada que transformará o referendo em comunhão nacional.

As festas de comemoração cívica se popularizaram na Idade Contemporânea, sendo, portanto, invenções bem recentes, que contribuem para amalgamar o sentimento de pertencimento e de identidade de um povo. Na América Ibérica, buscam reforçar a idéia de povo, num processo de incorporação da alteridade que tarda em se consolidar. As sucessivas crises sociais, políticas e econômicas retardam uma agenda social inclusiva, contribuindo para o descrédito nas instituições e as comemorações contribuem também para promover a unidade no interior dos Estados Nação, minimizando reivindicações mais imediatas.

Segundo Ortega y Gasset, (1922/1993), o poder criador de nações tem um “quê” de divino, sendo um talento tão peculiar como a poesia, a música e a invenção religiosa. Ressaltando a trajetória de desintegração vivida no interior da própria Espanha, destacava o fato de que no início do século XIX se separaram dessa parte da Ibéria as grandes províncias ultramarinas, e ao final desse mesmo século se separaram as colônias menores da América e do Extremo Oriente. Enfatizava que, em 1900, o corpo espacial da Espanha voltava à sua nativa nudez peninsular, no que denominou de triste espetáculo de um extenso, multiseccular outono exercitado periodicamente por ventos adversos que arrancavam da fraca ramagem as folhas envelhecidas (1993, p. 45).

O autor pontuava o fato de que, com o primeiro século de unidade peninsular, coincidiu o início da colonização americana e, ainda nas primeiras décadas do século XX, na Espanha, não era possível dimensionar efetivamente o que representou esse “acontecimento maravilhoso”. Comparando a colonização inglesa com a colonização espanhola, destacava a pouca atenção que se deu a esse acontecimento na Espanha, pois a colonização foi absorvida pela conquista, que se constituiu apenas em

seu prelúdio. Para Ortega y Gasset, a colonização foi o único fato verdadeiro e significativo que a Espanha empreendeu. Coisa peregrina. (p. 106)

Ortega y Gasset ressaltava a importância do povo na colonização espanhola: foi ele que, diretamente, sem propósitos conscientes, sem líderes, sem tática deliberada, engendrou outros povos. A grandeza e a miséria desse modelo vêm desse fato. O povo espanhol fez tudo que tinha que fazer: povoou, cultivou, cantou, lamentou, amou. Porém não podia dar às nações que engendrava o que não tinha: disciplina superior, cultura vivaz, civilização progressiva. (p.107-108).

Esse tipo de análise, apesar de pontuar possibilidades instigantes, marca a trajetória das reflexões pessimistas sobre a colonização espanhola e, por conseqüência, sobre a América ibérica. Só mais recentemente as perspectivas negativas têm cedido espaço para uma historiografia balizada pela documentação, o que sugere outras possibilidades de aproximação tanto à conquista e à colonização quanto às independências, marco histórico inicial das trajetórias autônomas dos Estados nacionais, foco da presente reflexão.

As perspectivas, ora pessimistas, ora valorizadoras, da novidade americana, aí incluído o pioneirismo da independência dos EUA, em relação às independências, permeiam as reflexões sobre as identidades nacionais em meio a um processo que Manuel Gamio denominou de “forjando pátria”; embora essa referência tenha sido feita ao México, podemos estendê-la às demais nações continentais ibéricas, partícipes do mesmo período e processo.

Segundo Guerra (1994), a dupla possibilidade de encaixe dos elementos memorialísticos (numa alusão à permanência e à variabilidade) explica os embates em torno da memória, pois a luta entre elementos distintos não questiona apenas as relações de poder interiorizadas por um grupo, mas, sobretudo, as crenças “tidas como certezas sobre as quais aquele grupo considera estar assentada a sua identidade” (p. 01). Essa perspectiva é importante, particularmente no período das comemorações do bicentenário das independências, em 2010.

Por sua vez, Ankersmit (2002), reportando-se a Nora, enfatiza um lugar comum na cultura contemporânea: vivemos em uma época de comemorações. Segundo ele, comemorações expressam ou exemplificam o sentimento que temos ou que acreditamos ter sobre acontecimentos passados e isso se origina exclusivamente em nós mesmos e não no passado. Obviamente esses sentimentos sobre o passado frequentemente estão associados com o que conhecemos e experimentamos desses

eventos, daí a importância da experiência de comunhão patrocinada pelas comemorações. (p.15) Nessa linha de raciocínio, Ankersmit ressalta que a escrita histórica alimenta nosso conhecimento sobre o passado e as comemorações estendem o próprio passado.

O autor destaca que as comemorações nos levam de volta ao passado e têm a pretensão mesmo de nos fazer, momentaneamente, manter um tipo de comunicação com o tempo pretérito. Por exemplo, se comemoramos algum acontecimento trágico do passado, durante a cerimônia solene estamos, mesmo por breves momentos, próximos daqueles que lutaram, por exemplo, pela independência da nossa nação, ou daqueles que foram vítimas inocentes de crimes. Comemorações sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre o Dia D, o Holocausto, a resistência contra os nazistas ou as libertações convidam as pessoas que participam desses eventos a reviverem os mesmos. (p. 18-19). No caso das comemorações, colocar a memória coletiva em andamento é fundamental.

Ao se pensar em comemorações assesta-se a perspectiva das festas cívicas. Segundo Jaime de Almeida (1994), os primeiros textos das Ciências Humanas sobre festa trataram-na numa perspectiva holística, buscando entendê-la a partir de conceitos universais como espaço/tempo, sagrado/profano, função e estrutura. Pontua ainda que a abordagem historiográfica da festa incorporou novas possibilidades antropológicas, em especial aquelas que problematizam a dimensão simbólica da comunicação, como o ritual, os símbolos, a mitologia, o imaginário, o discurso, a arte, a ideologia. Nesse contexto, um conceito-chave passa a ser o de invenção das tradições. Para este projeto, comemorações e festas se aproximam, sendo tomadas como elementos que podem ser avaliados de uma perspectiva conceitual comum. O que se quer reforçar é que comemorações e festas serão tomadas como sinônimos neste texto.

Para a discussão que se faz aqui, é emblemática, por exemplo, a figura de Bolívar. Sua morte, com poucos seguidores e simpatizantes, e o esquecimento imediato contrasta com a dimensão que sua figura adquiriu posteriormente aos fatos da independência. Robert Harvey é um dos autores que se impressionaram com a veneração que pessoas de todos os estratos sociais dedicam a Bolívar e aos libertadores; essa constatação, segundo o autor, sempre surpreende quem visita a América Latina. (2002, p. 11) Não obstante, a surpresa não se associa ao desconhecimento das realizações da geração das independências. Segundo o próprio autor, quanto mais investigava sobre Bolívar e os demais homens que, ao longo de duzentos anos deram forma à história política da maior parte do continente, tanto mais admirava a magnitude

dos feitos e os extremos de integridade, heroísmo, crueldade e loucura que esses feitos envolveram (p. 13).

Essa constatação permite refletir sobre alguns desdobramentos das festas que tomam conta do debate na América Ibérica. Os feitos e o heroísmo dos grandes líderes, e mais recentemente de figuras olvidadas ao longo desses duzentos anos, tendem a ser vistos sob uma perspectiva menos apaixonada quanto à valorização e desvalorização dos desdobramentos da independência, particularmente do ponto de vista da construção de uma identidade americana. Nesse sentido, é importante lembrar que os documentos sobre determinado evento contém uma parte de memória efetiva, mas se constituem, também, segundo Guerra, em um lugar de recriação do passado, feita com proporções variáveis de esquecimento, de invenção, mesmo de manipulação ou mesmo de falsificação, em função das estratégias do grupo em um momento dado. (1994, p.6)

Nunca é demais reforçar um ponto recorrente sobre a questão de que as festas americanas são profundamente hispânicas, mesmo considerando as incorporações locais, e as festas do bicentenário proporcionarão oportunidade ímpar de repensar essa relação forçada – e que, no entanto, agora é atualizada e consentida – da *hispanidad*. É preciso ter claro que a ruptura com os pressupostos da monarquia hispânica, com o surgimento dos novos estados soberanos no XIX, tempo por excelência das políticas de memória, exigiu uma invenção do passado na construção de novas realidades para que pretensamente fossem diferentes da antiga metrópole. A busca de novas identidades foi tônica dos esforços das elites que pensavam as jovens nações e essa é ainda uma busca inconclusa.

Nesse cenário, reportando-se a Benedict Anderson, Santos (2006) enfatiza que a emergência das repúblicas americanas, em contraste com as antigas monarquias européias, criou também uma dimensão política na clivagem entre América e Europa. As diferenças entre as instituições políticas, em ambos os lados do Atlântico, deu significado renovado ao conceito de Novo Mundo. O contraste com as monarquias européias criou um senso de unidade ou, ao menos, de solidariedade entre as novas repúblicas. Por outro lado, o autor ressalta que a ambigüidade entre uma identidade “americana” comum e a identidade nacional individual se dissipou pelo reforçamento das identidades locais. Com o apoio das elites intelectuais, foram desenvolvidas mitologias nacionais para muitos desses países e os particularismos reforçadores dos sentimentos patrióticos foram encorajados. A identidade “americana” comum foi relegada a um plano secundário. Nesse processo, lembra que, numa conferência

americana no século XIX, mesmo diante da tentativa em desenvolver estratégias contra o expansionismo norte-americano, os países ibero-americanos foram incapazes de consolidar uma identidade comum.

Nesse sentido, o processo de construção de diferentes identidades nacionais particulares baseou-se na invenção histórica das diferenças culturais, geográficas e raciais. O esforço de consolidar as recém fundadas “nacionalidades” era também um esforço de rejeitar uma identidade comum. Apenas contemporaneamente muitos desses países tentam fazer o caminho de volta, descobrindo novas similaridades e afinidades, nesse jogo recorrente de idas e vindas nas políticas do continente.

A temática sobre identidades se revela atual para diferentes povos, em diferentes lugares e, sobretudo, para os latino-americanos, pois como afirma Octávio Paz “aos povos em transe de crescimento ocorre alguma coisa parecida [com o que acontece aos adolescentes] Seu ser se manifesta como interrogação: o que somos e como realizaremos isto que somos?”. O autor ressalta ainda: “o que pode nos diferenciar do resto dos povos não é sempre a duvidosa originalidade do nosso caráter – fruto, talvez, das circunstâncias sempre mutantes-, mas sim a de nossas criações” (1984, p. 14).

Há também uma corrente que, ao pensar o México do século XIX, permite ampliar a reflexão das identidades para a América Ibérica. Nessa corrente, pode-se destacar como expoente Samuel Ramos. Do argumento partilhado por esses autores, cabe registrar um sentimento de inferioridade que influencia nossa avaliação sobre a formação histórica e identitária desse lugar, escamoteando o fato de que a escassez de nossas criações não se explicaria por um crescimento das faculdades críticas às expensas das criadoras, mas por uma desconfiança instintiva em relação às nossas capacidades.

Nessa perspectiva, Octavio Ianni, na recorrente metáfora labiríntica, afirmava que “a América Latina continua a viajar [...] procurando tornar-se contemporânea do seu tempo. Mas essa é uma viagem acidentada, somando conquistas e frustrações, originalidades e distorções” (1993, p.7) e, mais, que “a formação do pensamento latino-americano pode ser vista como uma idéia que se organiza, desenvolve, rompe e recria ao longo dessa mesma história”; uma das preocupações centrais desse pensamento é compreender o que é a América Latina, como se constitui e expressa, se organiza e transforma-se. O autor enfatiza que “a nação latino-americana caracteriza-se por uma instabilidade política crônica, reiterada, recorrente. Uma

instabilidade frequentemente acompanhada de violência e de alterações bruscas de diretrizes econômicas, sociais e políticas” (p.16). Essa instabilidade política “prejudica a sedimentação da cultura democrática, dificulta as reformas sociais, retarda o desenvolvimento cultural [...], daí a hipótese de que a instabilidade é uma técnica política crônica, eficaz e conveniente [...] que permite o uso periódico da violência, institucionalizada ou não” (p.18).

Em contrapartida, temos o oposto dessas abordagens em José Vasconcelos, sobretudo em suas obras *Raza Cósmica* e *Indologia*, marcos da tentativa de valorizar nossas experiências e nossa cultura, a partir de pressupostos otimistas. Tal como ensejadas, as comemorações trazem em seu bojo temáticas memorialísticas que podem se desdobrar em perspectivas pessimistas, otimistas e, sobretudo, essencialistas, como a de José Vasconcelos.

A trajetória histórica do continente é marcada pelo esquecimento do passado, seja o passado anterior à conquista, seja o passado colonial e, nesse sentido, as comemorações afiguram-se como um momento privilegiado para as mais diferentes perspectivas e, particularmente, para a sedimentação de uma identidade coletiva que busque superar os particularismos, em nome de uma trajetória comum.

Nas comemorações do centenário, estava em pauta a construção de uma identidade unívoca, baseada no fortalecimento da idéia de mestiçagem, mesmo que não fosse consensual, já que os grupos dominantes forjaram e difundiram um sentimento nacional excludente em relação aos índios. Contudo, a ideologia da mestiçagem, que preconizava uma América Latina mestiça, em marcha para a fusão harmoniosa de todas as raças, tendo como modelo “la raza cósmica”, deparou-se, nas últimas décadas do século XX, com reivindicações étnicas, particularmente indígenas, que, apoiadas numa releitura do passado, buscam valorizar a presença histórica daqueles considerados autóctones.

Sintonizadas com essas demandas, as constituições de alguns países, respaldados no discurso de poderosas instituições internacionais e de Organizações não Governamentais, passaram a reconhecer o caráter multicultural das sociedades latino-americanas. Nesse novo cenário, a idéia de mestiçagem, pensada genericamente como branqueamento da população, tende a arrefecer.

É nesse contexto renovado que ocorrem as comemorações dos dois séculos da independência e, em 2008, além do início das guerras de libertação, até mesmo o Brasil, com sua especificidade, comemorou acontecimentos fundadores de sua

trajetória de nação independente, como a abertura dos portos “às nações amigas” e a transformação do Rio de Janeiro na corte da monarquia portuguesa. São ocasiões ímpares para a reflexão sobre a nação pensada e a efetivamente consolidada.

Essas reflexões, nesse período pródigo em comemorações, permitem configurar os caminhos de construção da América e do “ser americano”, fugindo ora do essencialismo, ora da leitura traumática de uma América tachada como incapaz de se inserir na modernidade. Nesses espaços, nas leituras e releituras das diferentes iniciativas, apologéticas ou negativas, abordagens renovadas sobre a nossa América (distinta da outra, a do Norte) se reconstroem, sendo um esforço fundamental para a história intelectual latino-americana a reconfiguração deste mapa identitário frente às comemorações.

Nesse processo tende a aprofundar-se a reflexão sobre a maneira quase desesperada pela qual os latino-americanos buscam uma identidade que os liberte da pecha do exotismo e da diferença; esse caminho pode significar a resolução do dilema criado a partir da memória incômoda da conquista e da colonização. No caminho de volta, busca-se demonstrar a universalidade latino-americana, que a faz Ocidente e também sua particularidade, que por muito tempo lhe valeu a denominação sintomática de Extremo Ocidente. Em tempos de novos questionamentos acerca das distintas e múltiplas modernidades, a América Latina pode encontrar seu lugar como uma matriz peculiar do moderno.

Nessa perspectiva, destacamos, particularmente, algumas experiências recentes no continente sul-americano, sobretudo nas nações em que Bolívar mais atuou. Nesse caso, o interesse tem sido despertado porque as ações evidenciam a precariedade e descontinuidade dos projetos políticos, na década marcada pelas comemorações do bicentenário. Os problemas políticos crônicos, apontados por Ianni, ainda são a marca em muitos desses países.

O Peru se tornou emblemático, exatamente por ter sido o vice-reino que chegou mais tardiamente à independência e onde as lutas foram mais prolongadas. Num país com um número expressivo de indígenas, nas eleições presidenciais, no início de 2006, as atenções estiveram voltadas para Hollanta Humala, que afirmava representar novos ventos na política do continente e se referia às comemorações do bicentenário como o marco da efetiva vinculação do país com o passado pré-hispânico. Anote-se que foi Humala o favorito durante parte significativa da campanha, dono de uma plataforma política que, ao fim e ao cabo, remontava aos habitantes originais do país, os Incas. Em

seus discursos, o candidato se referia ao governo de Fujimori (1990-2000) como um período a ser expurgado da vida do país. Contudo, acusações pesaram sobre assessores diretos de sua campanha de protagonizarem perseguições políticas no mesmo governo sobre o qual desferia suas críticas².

As acusações alcançaram o próprio candidato que, em 1992, comandara uma base antissubversiva na selva amazônica, onde operava o Sendero Luminoso. Humala e um assessor direto passaram a ser investigados pela Comissão da Verdade e Reconciliação por supostas violações aos direitos humanos. Essa Comissão registrou milhares de vítimas do combate entre o Estado e o Sendero, a maioria indígena. Ao se comprovar que Humala se cercara de colaboradores sem credenciais democráticas ou com antecedentes delituosos, sua candidatura, vista com simpatia também pela eclética esquerda latino-americana, apesar de suas patentes militares, perdeu espaço.

O vencedor das eleições, e ex-presidente do país, Alan Garcia (1985-1990), manteve em seu staff pessoas a quem as organizações defensoras dos direitos humanos reputavam a utilização de métodos pouco ortodoxos contra a oposição. Membros dessas organizações afirmavam que a maioria dos assessores dos então três candidatos, incluindo Lurdes Flores, tinha ligações com Vladimiro Montesinos, o temido assessor de inteligência de Fujimori, que marcou a vida peruana por uma década, pela violência, cooptação, suborno e subversão da ordem democrática. Com a vitória eleitoral e os problemas enfrentados pelo Peru, esse debate perdeu espaço, bem como um possível retorno a uma “agenda inca”, revisitada de forma recorrente a cada campanha eleitoral.

Outro processo eleitoral recente que chamou a atenção, também por fazer parte do projeto da Grã-Colômbia bolivariana, foi a reeleição de Álvaro Uribe, na Colômbia. A campanha, considerada a mais segura em 11 anos naquele país, rendeu mais um mandato ao presidente devido à política governamental de “segurança democrática”, que com a diminuição radical de sequestros e assassinatos políticos, desde pelo menos 1997, obteve mais de 60% de aprovação popular. Mesmo sob forte acusação de subserviência aos interesses norte-americanos, por conta do Plano Colômbia, a pacificação interna e o confinamento da guerrilha em alguns pontos do país foram fatores decisivos para a reeleição de Uribe.³

² Ángel Paez. Elecciones Perú: Inquietante pasado de los hombres de Humala. Anphlac: unsubscribes@yahoo.com.br, acesso em 19/04/2006

³ Carolina Vila-Nova: Violência em queda deve reeleger Uribe. <http://br.f372.mail.yahoo.com/ym/showletter>, acesso em 26/05/2006

Um fator importante que colaborou para a diminuição da violência foi a aproximação entre Uribe e a cúpula dos paramilitares de direita, a Autodefesas Unidas da Colômbia – AUC. Também o Exército de Libertação Nacional – ELN – iniciou negociações de paz com o governo. A mudança foi significativa, pois, em 1990, três candidatos presidenciais foram assassinados e, em fevereiro de 2002, ocorreu o seqüestro da então candidata presidencial Ingrid Betancourt, pelas FARC. Nesse cenário, a utilização de medidas de exceção é considerada normal para alcançar a finalidade de pacificação interna. Em julho de 2007, foram organizadas manifestações populares em todo o país reivindicando a libertação dos prisioneiros mantidos pela guerrilha; os desdobramentos do litígio entre Colômbia Equador e Venezuela, nos primeiros meses de 2008, além da morte e da dissidência dos principais dirigentes das FARC, parecem demonstrar que o ciclo de poder paralelo está em xeque naquele país, ao menos no que concerne à simpatia tácita ou implícita da população.

Outro governo emblemático é o da Venezuela, lugar em que teve início a trajetória independentista de Bolívar. O presidente Hugo Chávez tem se destacado por, além de renomear o país para República Bolivariana da Venezuela, vincular sua imagem com *El Libertador*, numa tentativa de ligar as ações empreendidas em seu governo aos feitos de Bolívar. Exatamente pelas pretensas ligações históricas e pela existência de um culto incontestável à figura de Bolívar, que extrapola os liames da historiografia, a Venezuela e o seu líder foram pioneiros nas comemorações do bicentenário das independências. Chávez proclamou várias datas ligadas às guerras de independência como datas magnas no país, iniciando um processo de comemoração de distintos acontecimentos, que figuravam até então apenas em notas de rodapé na história das lutas de libertação.

Nesse cenário, além de ter comemorado em 2005 os 200 anos do juramento de Bolívar, em Roma, quando este, ainda jovem, prometeu dedicar sua vida à luta pela liberdade de sua pátria do jugo espanhol, o governo venezuelano tem conferido uma dimensão renovada a um dos próceres das lutas pela independência na Venezuela, Francisco Miranda (1750-1816). Em agosto de 2006, o país comemorou, com pompa e circunstância, o bicentenário do desembarque de Miranda em La Vela de Coro, que resultou numa frustrada invasão, que, entretanto, responsabilizou-se por fincar pela primeira vez, a bandeira idealizada para a nova república, cujas cores, amarelo, azul e vermelho, são usadas pela Colômbia, Equador e Venezuela.

Miranda apresenta as qualificações necessárias para todas as homenagens. Lutou na guerra de independência dos Estados Unidos, na Revolução Francesa e na América do Sul contra a Espanha. Noticiários destacam o quadro que o mostra na prisão, lugar em que passou seus últimos anos; o mesmo quadro foi reproduzido em centenas de livros escolares venezuelanos, destacando a importância daquele a quem o país conferiu títulos de “generalíssimo” e “Precursor da Independência”. Há um destaque acentuado à sua figura, até mesmo no cinema contemporâneo, com um filme que apresenta o objetivo de divulgar “*o primeiro criollo universal*”, como Miranda é referido por muitos na Venezuela. A divulgação do filme vem acompanhada por uma síntese da sua biografia, destacando-se que ele lutou pela coroa espanhola no Marrocos e na Argélia, entre 1774-1775, antes de se converter à causa separatista americana.

Já com a perspectiva de libertação da Venezuela, em 1781 lutou contra os ingleses no oeste da Flórida, na guerra de independência dos Estados Unidos, onde viveu um ano e meio. Segundo análises posteriores, esse período contribuiu para a maturação de seu projeto de independência para a América espanhola. Não por acaso, seu nome figura no Arco do Triunfo em Paris, que homenageia figuras consideradas ímpares para a humanidade.

Nesse processo de leitura, mas também de releitura do passado, buscou-se destacar também figuras praticamente desconhecidas ao menos para o grande público como o polonês Gustaw Bergud, que embarcou com Miranda, em fevereiro de 1806, em Nova York, para lutar pela emancipação da parte espanhola na América do Sul. No dia 21 de julho de 2006, se completaram dois séculos de sua execução na forca, em Carabobo. O enforcamento de Bergud e outros nove companheiros em Puerto Cabello é considerado pelos historiadores como um dos episódios mais brutais da luta contra o Império espanhol, dando início ao processo que tornaria a Venezuela independente.⁴

Bergud tinha imigrado a Nova York no final do século XVIII e ali fez contato com Miranda, de quem recebeu o grau de marechal de campo dos exércitos revolucionários. Zarpou em uma expedição com menos de 200 homens e, antes de chegar ao solo sul-americano, a expedição enfrentou um combate com barcos espanhóis, tendo como resultado a captura, por parte dos realistas, das pequenas embarcações e de seus tripulantes, entre os quais estava o militar polonês.

⁴ Ana Carolina Griffin: Vuelve el polaco libertario (s/r)

Numa demonstração emblemática do idealismo dos homens que fizeram as guerras de independência no final do XVIII e no XIX, antes de morrer, Bergud teria dito que os exércitos de Miranda romperiam as cadeias na Venezuela e alcançariam o triunfo sobre os opressores; quando isso acontecesse, sua morte seria vingada. As homenagens póstumas a Bergud foram uma iniciativa conjunta da representação diplomática polonesa e do governo venezuelano, com o objetivo de estreitar os laços entre os dois países em tempos de relações internacionais conturbadas na Venezuela.

Essas experiências contemporâneas diferenciadas, seja em momentos eleitorais ou posteriores, em países que estiveram no cerne das lutas pela independência na América do Sul, permitem pensar que se reportar ao passado, seja aos incas, como no caso do Peru, ou aos valorosos homens do século XIX, capazes de dar a vida por uma causa (algo que, se não impossível, pelo menos raro em tempos atuais), ressignifica as distintas expressões políticas e culturais. Esses posicionamentos buscam mostrar nações edificadas sobre altas estirpes, que congregam a todos, particularmente em tempos de confronto. Reforçam, ainda, a unanimidade em torno de figuras sacralizadas no sentimento popular, vitalizando a identidade nacional encompassadora e centrada num passado cada vez mais valorizado.

Como enfatizado anteriormente, é sintomático que as comemorações referendam o que às vésperas das tentativas iniciais de independência era ponto de defesa importante para os atores históricos: a defesa de Fernando VII e a resistência ao invasor francês. Mesmo no referendo, novos sentidos podem ser encontrados para a escolha comemorativa. Passa a ser importante não apenas o que se referenda, mas a simbologia utilizada que transformará o referendo em comunhão nacional.

Referências bibliográficas

- Almeida, Jaime de. Todas as festas, a festa? In. Swain, Tânia Navarro (org). *História no Plural*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994
- Ankersmit, F. R. "Commemoration and National Identity" In. Martins, Estevão Chaves de Rezende (org). *Memória, Identidade e Historiografia*/Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB, Brasília: UnB, 2002, vol. 10, nº ½
- Gamio, Manoel. *Forjando Pátria*. México, Editorial Porrúa S. A. 1992
- Guerra, François-Xavier (org): *Memoires en Devenir*. Amerique Latine XVI'-XX' siècle. Bordeaux, Maison des Pays Ibériques, 1994, p. 9-27, tradução Jaime de Almeida.

_____ : *Modernidad e independências* – Ensayos sobre las revoluciones hispánicas. Madrid/México: Editorial Mapfre/Fondo de Cultura Económica, 2000, 3. ed.

Harvey, Robert. *Los Libertadores* – La lucha por la independencia de América Latina 1810-1830). Barcelona: RBA Libros, S.A. 2002

Ianni, Octavio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis/Rio de Janeiro:Vozes, 1993

Lynch, John. *The Spanish American Revolutions* – 1808-1826. Nova York: W.W. Norton & Company Inc, 1973

Ortega y Gasset, José: *Espana Invertebrada*. Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1993, 5. ed

Paz, Octavio. *O labirinto da Solidão* e Post Scriptum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

Ramos, Samuel. *El Perfil del hombre y la cultura en México*. México: Editorial Planeta Mexicana/Colección Austral, 1999, 30ª reimpression

Santos, Luís Cláudio Villafañe G. American, United Statian, Usamerican, or gringo? Divulgado na internet (s/r)

Vasconcelos, José. *La Raza Cósmica*. Madrid, 1925